



Educação Feminina

Quinzenario pedagogico, literario e científico

ORÇÃO DAS NORMALISTAS DE LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Comércio, 31, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORAS GERENTES: ALICE BARBOSA E OEIRAS
DULCE DE SOUSA FARIA

Propriedade da Empresa da EDUCAÇÃO FEMININA

EDITORA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL,
38, Rua da Conceição da Gloria, 40 — Avenida — Lisboa

O nosso Jornal

A absoluta falta de tempo obsteu a que as despreziosas considerações que vou fazer, vissem a luz da publicidade no 2.º numero da *Educação Feminina*.

Adversa a todo o genero de elogio não deixarei contudo de enaltecer o grupo de colegas, que, animadas duma crença robusta e impulsionadas por uma vontade firme, souberam levar a efeito — a despeito de todos os obstaculos — a tarefa ardua e espinhosa em que se empenharam.

— E' suggestivo o titulo do nosso modesto quinzenario, mas isso só não basta: o que é sobretudo necessario, é que uma boa orientação o norteie. A atmosfera que o cerca é de indiferença da parte de uns e de desdem da parte doutros; não importa! As sementes lançadas á terra, por mais inculca que esta esteja, não morrem todas; algumas, embora em numero limitado germinam e produzem frutos.

E' geralmente das minorias que partem as idéias grandiosas, e é através de inauditos sacrificios que elas se preconizam e atingem o seu fim.

O nosso Jornal, inquiri-o, se quizerdes das suas elaboradoras, conseguiu reunir na mesma identificação de idéias, um pequeno grupo de normalistas, que, unidas trabalharam para o mesmo fim.

Pois bem: o numero aumentará, embora lentamente, e lançará as bases da solidariedade futura, por que, presentemente, — triste é confessar esta verdade, — nada existe entre nós que se chame união e solidariedade.

Era aqui sob o tecto da Escola, que a união do professorado primario se devia organizar. Reunidas durante um periodo relativamente longo, participando dos mesmos cuidados, comungando as mesmas aspirações, é preciso que sobre nós recaiam profundos defeitos de educação e funestas influencias de meio, para que, ao separarmos-nos, depois de ultimados os nossos trabalhos escolares, não saiamos todas unidas por estreitos laços de amizade.

Pois se nós, futuras educadoras da infancia, temos por missão inculcar no espirito da criança, os principios da solidariedade humana, do bem e da justiça e, se é certo, que ha-de ser mais pelo exemplo que pela palavra que esses principios se ha-de inculcar, — que exemplo oferecemos que ateste o nosso critério, se a classe a que pertencemos é uma das menos organizadas?

Urge levantar este estado de coisas, e o nosso Jornal, bem dirigido, bem orientado, poderá, talvez, prestar esse relevantissimo serviço.

O egoismo tem sido através dos tempos um dos maiores cancores da humanidade; é preciso que travemos contra ele uma luta sem tréguas.

São apanagio da mocidade, os sentimentos belos, os sentimentos grandiosos; e as nossas colegas, no desabrochar da vida, jovens e entusiastas, desconhecendo na maioria as incongruências desta, ha-de fatalmente conservar intactas essas belas qualidades. Lutemos, pois,

contra mesquinhas rivalidades e vaidades ficticias e despertemos os impulsos sempre nobres, sempre generosos, da mocidade.

A cultura moral e a intelectual não visam um fim diferente, como muitos julgam; uma completa a outra. — Escudadas na força moral, nós seremos as educadoras que as sociedades novas precisam!

23 4 1913

Joana Condesso.

VERSOS DE FERNANDO CALDEIRA

FEIA

O nome... Vã, não é feio;
mas a dona, francamente,
é detestavel! e eu creio
não ser eu só que a odeio;
sucede isto a toda a gente.

Quanto a mim, por mais que faço,
não é possível que vença
esta antipatia imensa,
e parece-me que passo
a descompô-la na imprensa.

Se ela é mesmo os meus pecados!
Tem uns olhos esquisitos!...
castanhos!... muito ensombrados
duns longos cilios curvados...
Sim... os olhos são bonitos.

Mesmo a boca... não desgosto,
a boca é muito engraçada...
Tambem é o que tem!... mais nada!...
A não ser a cor do rosto...
Essa é muito delicada...

De resto é o frescor da idade,
certa expressão de candura,
uma certa ingenuidade,
que atráe, lá isso é verdade...
E tem bonita figura...

O pé não pude bem vê-lo,
mas ha-de ser pequenito
e bem feitinho, acreditado...
O que ela tem é o cabelo
bonito, muito bonito...

Finalmente é horrorosa...
A não ser a voz, que é pura,
toda sã, toda frescura...
uma voz deliciosa,
um primor de formosura...

Sim, a voz é encantadora...
E' pena que ela se faça
um *nadinha* maçadora
quando se lhe péde a graça
de cantar um quarto d'hora.

Não tem mais nada bonito...
Quando encaro aquele rosto
sinto um desgosto infinito...

O que é realmente esquisito
é gostar eu do desgosto.

As grandes desilusões e os profundos desesperos são para os que fazem do amor um culto e sonham a mulher duma essencia superior.

Julio Diniz.

A Escola

Sua função e situação no meio social

Desde que soltou o primeiro vagido e bebeu a primeira gota de leite, a criança entrou na Escola.

De facto, qual é a função da escola? ministrar conhecimentos, educando primeiramente os sentidos, de modo a poder assimilá los. A Escola é, portanto, o *logar onde se educa e ensina*.

Uma multidão de conhecimentos se apresenta á criança, logo ao primeiro olhar deslumbrado que relanceia pelo quarto onde acaba de nascer; desses conhecimentos é natural que não fixe nenhum: o instinto fá-la voltar-se para aquilo que directamente a interessa — a mãe. A mãe é quem primeiro educa a criança e, juntamente, lhe insufla maior soma de noções.

A criança entrou na Escola da Vida e, não recebemos que o ambito dessa Escola seja reduzido; pelo contrario: para a criança de dias e mezes, o proprio quarto, de onde nunca sai, representa mais que para o adulto a terra onde habita e onde veem ter noticias de todo o mundo.

Só quem nunca lidou com crianças, desconhece que cada dia, cada hora que passa, traz para é as um conhecimento, — uma sensação nova e o aperfeiçoamento de um orgão e de um sentido.

Ainda se nota outra cousa: mesmo que a mãe não possua grandes qualidades educadoras — o que é raro, quando se trata de educar a tenra infancia — a criancinha, dentre o amontoado de impressões que sofre todos os dias, fixa de preferencia as que mais lhe dizem respeito, numa progressão tão justa e combinada, que mostra á evidencia que os seus orgãos e sentidos se vão, tambem gradualmente, educando por adaptação ao meio. O *meio* é, pois, a Escola, logo que nele se educam os sentidos e se ministram as noções.

A criança cresce e, como ao viajante que vai subindo um monte, depára-se lhe constantemente um horizonte cada vés mais vasto. Passa então a ser a *sociedade*, — estreita sociedade, em todo o caso, — o novo meio educador. Este traz maravilhas para a criança, mas, infelizmente, não traz só maravilhas... Com todo o seu esplendor falso, as suas convenções muitas vezes ridiculas, o seu respeito hypocrita pelo que deseja destruir, vem adular aquele ambiente de verdade, amor e pureza que a cer-

cou na primeira infancia. — *Tudo está bem ao sair das mãos do autor das cousas; tudo degenera entre as mãos dos homens*. — Nada mais verdadeiro, seja qual for — se o há — o autor das cousas. E a criança, mais que tudo, sofre a influencia perniciosas das mãos do homem.

Em toda a evolução lenta que se opéra na criança, observa-se, simultaneamente, um poder *construtivo e destrutivo*, que chega a anular-se, mas que deixa sempre traços indeléveis. A criança, lançada ao sair das mãos da mãe — quais outras *mãos do autor das cousas* — no seio da sociedade, entregue a si propria, não mais evoluiria, solicitada por este poder que se contradiz e, tornar-se ia um monstro inutil a si proprio e aos outros.

Torna-se, por isso, indispensavel que sofra a influencia diretora dos outros, sem que, todavia, essa influencia vá prejudicar tudo o que de original nela existe e que pode ser aproveitado. Pedro Ferreira, o nosso proficiente professor de Educação física, disse numa das suas lições: «Cortar as iniciativas, quer sejam boas, quer más, é apagar o fogo!» E' realmente, isto: o educador é uma nova *vestal*; o espirito empreendedor da criança o fogo a conservar. Em quanto ao lado *bom* ou *má* das suas iniciativas, isso é um ponto muito discutivel, que talvez ainda venha a pélo, na sequencia deste artigo, ou noutro, desenvolver. Quanto a mim, é ponto assente que se devam aproveitar todas as iniciativas, aperfeiçoando as boas, modificando as más, chegando, porem, a esta distincção, que é muito subtil, depois de maduro exame, em que ha-de entrar, como coeficiente importante, a *personalidade* do educando, o fim a que ele se propõe e o estado moral da sociedade em que vive.

Como disse, a criança abandonada na sociedade é um valor que se perde; torna-se necessario aproveitá-lo, dirigindo-o. Mas, como a sociedade actual é caracterizada por uma falta de unidade de orientações, de interesses, de Ideal, vê-se claramente que essa sociedade, em globo, nunca poderia ter a missão de dirigir um espirito, pois o solicitaria, ao mesmo tempo, para fins diferentes e opostos. Surge pois a necessidade de criar um centro unico de ensino educativo e doutrinário, que leve as crianças para o mesmo fim e consiga, a pouco e pouco, dar á sociedade a *unidade* que se reclama, para conseguir conciliar os interesses opostos e, com o olhar no futuro, aproximar se o mais possível do Ideal! — Convém notar que esta *unidade*, não é a *bitola* material que hoje enfileira os homens em classes bem definidas, que se insepam mutuamente, atribuindo-se os males de que sofrem... Não! a *unidade*, de que falo, é uma unidade moral, que, permitindo o desenvolvimento completo e natural de cada individuo, o leve de seu motu proprio — a integrar-se na vida social, contribuindo para que ela melhore mais e mais, até á perfeição!

Da necessidade de conseguir esta *unidade moral*, surgiu a Escola, propriamente dita, sequencia natural da primeira escola que foi o ambiente familiar e o meio social restrito com que a familia convive.

Resumindo: a função da Escola e a sua situação no meio social confundem-se num ponto de vista unico — educar e ensinar os espiritos e corpos das crianças, furtando-as á ação perniciosas e dissolvendo da sociedade. A Escola ocupa, pois, o ponto culminante do nosso edi-

ficio social, — aquele donde se olha para o Futuro e onde se prepara esse Futuro!

Num proximo artigo — o segundo da serie A Escola — veremos como esta atua sobre o individuo e o modo como se desempenha e podera vir a desempenhar-se, da sua missão construtora.

Antonio Luis Filipe (Da Escola Normal de Lisboa)

Recordar é viver, transformar num sorriso o que nos faz sofrer!

EM FOCO

Cumprindo uma missão altruista, avisamos algumas das nossas colegas mais laureadas, que o processo de papaçao está tão gasto e safado que já não dá nada...

Fim utilissimo do sabão macaco: Ensaboar o juizo a quem o tem e estafar a paciencia da humanidade...

Estás lá?... Dize-me, ó querida, qual é o rapto mais chic, o rapto dernier cri? Em aeroplano, em auto, ou nas azas da viração?...

Em auto, em auto, que é menos temerario; espera-me no teu auto á porta do cinema e partamos depois para o ignoto, para as regiões do ideal.

Ele, suspirando: Que chic!...

Ela é esperta, atrevida, petulante e como nasceu no Tibet tem a desenvoltura endiabrada das cabritas do seu paiz natal...

Ha raras pessoas tão bem dotadas como a nossa colega D. Graça Delambida.

Ela entende de fisica como poucas... e de pois como é muito branca, tem uns labios muito delicados e uns olhos muito fulgurantes, é dum encanto, duma simpatia irresistivel!

Obséquiosa como não ha outra, sabendo chorar e sair da aula a proposito, ninguem lhe leva a palma!...

A primeira, com ares superiores: Queres então continuar a incensar me, apesar do que se passou entre nós?

A segunda, uma rapariguinha palida, franzina, de enormes olheiras:

Oh! minha querida, não falemos nisso; bem sabes que eu daria alguns anos da minha vida para ter a honra de te engraxar as botas!

FOLHETIM N.º 3

Os deserdados

Como era linda essa manhã de abril! Pelos campos arrelvados brilhavam ainda tenues gotinhas de orvalho; a atmosfera era suave e fresca e as humildes florinhas campestres, viçosas e belas na sua encantadora singeleza, exalavam um odor inebriante.

E o Manuel do Beco, o desventurado cultivador doutrota, sentia-se tão feliz!

Fôra pobre, muito pobre. Em tempos idos, ele e sua esposa, depois do trabalho extenuante que lhes exauria as forças dia a dia, não só não encontravam, de regresso ao lar, a rara felicidade, privilegio quasi exclusivo dos que a não merecem, mas nem ao menos essa tranquilidade bem dita, que deixa acalantar a ajuda, o espirito na suave esperança dum porvir risonho. Ah! E' que eles divisavam um futuro tenebroso e triste como aquelas noites em que o espaço infinito não patenteia aos

O edificio da nossa Escola cheia a ratos velhos e a caruncho, não admira portanto que as alunas tenham aquele ar torcido e enfatiado que as caracteriza.

Charadas em verso

Qual é a coisa, qual é ela, sempre em peles embrulhada; qualquer do segundo ano matará esta charada!

Qual é a coisa, qual é ela, que se farta de estudar, mas no fim péde dispensa com medo de se enganar?

Qual é a coisa, qual é ela, que é tóla sem ser tóla, — quando não quer ser chamada unta os olhos com cebôla?

Qual é a coisa, qual é ela: sem ser menina de touca, quando se trata de lições, cerra os dentes, fecha a bôca?

Dá-se um prêmio surpreendente a quem matar estas charadas.

Dias de outono...

Quando caem as folhas, no outono, e doudejam, levadas pelo vento... e vão depois dormir eterno sono na podridão letal esquecimento —,

um choro desolado, um vão lamento se eléva na nossa alma, em abandono... E' que doudeja lá, também, o vento que faz cair as folhas, no outono...

São os sonhos perdidos, a folhagem que o vento arrebatou; desilusão — tufão que tudo leva, na passagem...

Tudo perdido!... A gente chora, então; dissipa-se o porvir — a vã miragem; tombam as folhas; morre o coração...

Dez. — 1912. Flip.

De Chateaubriand:

As flores

A flor produz o mel: é a filha da manhã, o encanto da primavera, o manancial dos perfumes, a graça das virgens, o amor dos poetas; passa depressa como o homem, mas em trega docemente as suas folhas á terra. Entre os antigos, as flores coroavam a taça dos festins e os cabelos alourados das mulheres; os primeiros cristãos cobriram com elas os martires e os altares das catacumbas; hoje, em

nossos olhos fascinados o espectáculo deslumbrante dos seus tesouros de luz; é que eles tinham sete filhos, todos de pouca idade, crianças meigas e tristes, sempre famintas, miçadas já pela tuberculose, tão cedo arremeadas a esse lidar insano da luta pela vida, tão cedo enciadas em todas as torturas a que estão sujeitos os que trabalham, os que cumprem o seu dever.

E os dias passavam; e o quadro triste da sua miseria ia-se lhes desenrolando ante os olhos.

Alimentarem-se, como? O magro salario mal chegava para o pedaço de pão negro que eles regavam de lagrimas.

Vestirem-se, de que fórma? Eles e os filhos mal podiam cobrir o corpo fatigado, e de inverno, sem roupa e sem lenha, que frio suportavam aqueles infelizes!

Higiene? como consegui-la no antro que lhes servia de morada, sem ar, sem luz, possuindo apenas um compartimento onde sobre duas incomodas enxergas passavam a noite quasi tão penosamente como o dia?

O pouco que possuíam era quasi absorvido pelos medicamentos de que precisava constantemente o rapasinho mais velho, cuja vida, a

memoria desses antigos dias, colocamo-los nos templos. No mundo atribuímos as nossas afeições ás suas côres, a esperança á sua verdura, a inocencia á sua alvura, o pudor ao seu tom rosado. Ha nações inteiras onde a flor é o interprete dos sentimentos.

Um crepusculo na praia

A's horas do fim do dia, quando o sol no mar declina e d'aurea luz ilumina todo o horizonte ao redor, porque me sinto enleada num indivizível langor.

Julio Diniz

Uma flutuante e vaga melancolia pairava docemente sobre as ondas que expiravam com langor na areia da praia.

Lá mais longe transformava-se esta caricia fagueira em arrancos de misteriosas imprecações, de inconcebíveis lamentos, de gritos, de soluços desvairados e de murmurios surdos, quando a vaga arrojando-se ás rochas erguidas a pique, com o dorso escalavrado e nú num aprumo inalterável e severo, esfrangalhava, consumia, pulverisava o seu véu ondulante nas gotas mais ténues, na espuma mais translúcida.

O céu tão amplo e azulino como a alma dum sonhador emoldurava aquele magnificante cenário com a graça e o encanto da sua copula profunda, intangível e sonora.

Sonora, — direis, com o sorriso bondoso de quem reléva desmandos — ?

Sonora, sim, e vibrante como uma liturgia de sonho... rindo com as gargalhadas das aves mais alegres, com as trist zas das mais tristes, com as lamentações do mar, com os segredos queixosos dos riachos!

... Que tarde encantadora! Que ponto tão delitoso e aprazível!

Acudiam-me á mente em tropel aquelas fantasias douradas, aquelas ilusões feiteceiras que a vil prosa da minha existencia tortuosa e desfavorecida ainda de todo não calcou no pó ardente do insuperável desalento...

Desfilavam na ribalta da minha imaginação projectada em quadro exterior, todos os personagens fictícios e reaes que me temem distendido no coração com inflexão mais ou menos violenta uma corda do sentimento: o entusiasmo, a alegria, a esperança, o desconforto, a magua, a decepção...

Volvi o pensamento num rapido e seguro golpe de vista para a minha vida toda e nem um clarão, uma estrela diamantina, uma flor balsâmica na minha aspera senda...

Planta agreste que mão descuidada deixou ficar entre as flores mimosas da fortuna nunca as brizas perfumadas, os nectares frescos, os disvelos, os afagos das leves borboletas lhe refrigeram as pétalas requemadas; jamais um suspiro exalado do seu seio logra despertar no coração dessas mais felizes uma corrente leal de simpatia...

E o mar na sua melodia ritmica inalterável, lá ia gravando nas rochas os seus poemas intraduzíveis, lá ia desenhando as suas curvas fantasiosas; o céu envolvia em meias tintas de ouro, anil e opala a paisagem calma e delicio-

tuberculose já adiantada tratava de suprimir.

E a instrução, o pão do espirito, era ainda assim o que menos falta lhes fazia; não podiam te-la; mas, para que a queriam em tais circunstancias?

Agora já tudo passara. O Manuel era muito feliz. Sem que esperasse, a sua vida modificara-se muito. Vivia numa casa ampla, bonita, com todas as comodidades. Os filhos gosavam ótima saude; até o mais velho — como sucedera tal?

Em vez do arduo trabalho do campo frequentavam a escola e as tardes passavam nas correndo e brincando sob a vigilância materna. Davam-se tão bem assim! Como era bom aprender a ler! E não iam mal os pequenos. Ha instantes apenas, dissera o professor ao pai: «— Nem tu sabes o que ali tens, Manuel; os teus pequenos aprendem com facilidade incrível, sobretudo o Joãozinho, com aqueles grandes olhos observadores; olha que tu não me deixes ficar o pequeno com instrução primaria; põe-no a estudar, que ele ha de dar muito». E o pai sorria, com esse sorriso de pai amantissimo a quem elogiava os filhos.

Porque não havia o pequeno de seguir es-

sa, e Oraculo, com o dedo esquelido num paragrafo do livro da Vida, deixava-me sonhar... sonhar...

3-8-1912

Irene V. Lisboa

Julio Diniz antevendo o futuro das modas...

Seguir as ruas ligeira como a andorinha das praias, saltando a s ventos, inteira, a vasta roda das saias...

SECÇÃO HUMORISTICA

A mulher para o marido, que é muito avarento:

«Pedro, é forçoso que eu vá ao medico! Passei muito mal esta noite, fartei-me de sonhar, com muitas, dores no peito...»

O marido interrompendo-a:

«Eu nunca vi uma mulher assim, lá porque sonhou que tinha dores no peito, já precisa ir ao medico gastar dinheiro.»

Acrostico

E.....

D.....

U.....

C.....

A.....

O.....

F.....

E.....

M.....

L.....

N.....

J.....

N.....

A.....

=(nomes de mulher)

Combinada

1.ª + ão = alimento

2.ª + stra = molusco

3.ª + eto = parente

4.ª + po = cimo

5.ª + cravo = servo

6.ª + avo = flor

7.ª + vo = nome

8.ª + rdo = passaro

=(que produz colicas).

Continuarémos em todos os numeros esta secção e o decifrador que maior numero de advinhas fizer terá o seu nome num quadro de honra do nosso jornal.

ÉRAZAN.

Sonho doentio...

— Não me acordeis, que a sonhar sou venturoza...

A. D.

Naquella tarde de primavera, o sol saudava pela ultima vez as meigas plantas frescas e mimosas, — ia desaparecer no ocaso; o céu não apresentava uma unica nuvem; a atmosfera limpida e impregnada do aromatico cheiro que exalava o prado.

Reclinada na almofada do meu carro construido de madeira preciosa, caprichosamente ornamentado, eu fitava muda e enebriada o espetaculo do pôr do sol.

E o meu carrinho deslizava vagarosamente sobre a planicie atapetada de verdejante relva... mas quem o guiava? quem me tinha conduzido para aquele paraíso, quem me tinha assentado na almofada do precioso veiculo?

Profundamente absorta nem pensava em tal, extasiada; admirava a bela e grandiosa obra da natureza; admirava as avesinhas que num trinado de infinita meiguice, pareciam despedir-se do sol, o seu grande amigo. Admirava tambem a agua cristalina que corria veloz sobre o seu leito, fazendo ouvir mansamente aquele murmurio longinquo, semelhante aos acordes duma orquesta maviosa.

De vez em quando uma ave branca como a neve, com o bico adornado de pedrarias, pairava sobre o meu carro; cubiosa de possuir essa ave sem igual estendia a mão para a apanhar; mas que? a deslumbrante avesinha batia as azas e fugia velocissima.

Continuava a sentir-me transportada sobre aquelas planicies encantadoras! Por mais que sondasse os campos com o olhar, não conseguia descobrir nem sombras duma figura humana. Não restava duvida de que estava só naquelle prado abandonado ás plantas e ás aves. Mas que me importava estar só? não é a solidão o repouso das almas fatigadas? Naquelle retiro longe da vida turbulenta, longe emfim dos ecos enfadonhos do mundo, eu recordei toda a minha vida cheia d'aspirações, cheia de sonhos irrealizaveis.

Contemplando mais uma vez a bela paizagem que parecia sorrir, festiva como uma noiva e como uma noiva ataviada, não pude por mais tempo conter-me imóvel e silenciosa. — Saltei do meu carro com a agilidade que me caracterisa, e chegando-me á beira dum regato bradei:

— Agua; tu que corres no teu leito magestoso, parecendo não te importares com a vida, só procurando chegar a tempo ao fim do teu trajecto interminavel, decerto tens sido testemunha de muitas horas de amargura e muitas horas de alegria; tu deves ser sabia: Dize-me que misterio é este que me cerca; dize-me quem deu a estas aves o maravilhoso poder de se elevarem como flechas no espaço, quem dou a estas plantas o condão de viverem nesta mansão cheia de paz, capaz de inspirar o poeta menos autorisado?

Dize-me tambem por que me foi vedado a mim, nas horas em que detesto a vida, o supremo lenitivo de me elevar igualmente no espaço, procurando descobrir esse encantado paraizo, do qual os mortais falam, dizendo

descobrir o que não lhe servia de nada? Era feliz; todos os seus o eram; nada mais tinha a desejar; prometia a si proprio não mais se importar com semelhantes coisas.

De subito ouve ao longe um som alegre. Que seria? Ah! lembrava-se agora; era o despertar da aldeia em festa; não podia ser senão a charanga da sua terra que principiava a festa á Senhora das Neves.

O som aproximava-se e Manuel notava com espanto que ele se lhe ia tornando desagradavel; achava-lhe vagas semelhanças com um som que ouvia outrora e que ele tanto odiava.

De repente, quando esse toque lhe passava em frente, estremeceu, ergueu um pouco o busto e, aterrado olhou em volta. Que viu ele? Seria vitima dum pesadelo? A confusão de ideias desvanecia-se pouco a pouco. Santo Deus! Que estava ele presenciando? Cruel suspeita o atormentava. Olhava, tornava a olhar. Era verdade o que suspeitava? Mas isso seria horroroso, seria o desmoronar de toda essa felicidade em que estava imerso.

Um ruido diferente lhe veio de novo ferir o ouvido; era a tosse, a terrivel tosse do rapazito mais velho, a quem os pulmões se iam cavando aos poucos.

que é lá que estão as almas dos justos, os anjos de azas prateadas, etc?

— De repente sinto cair uma pesada mão sobre o meu ombro; apezar de estar só naquella vasta planicie, não me assustei; voltei-me e achei-me em face d'um gigante assentado numa cadeira, tendo deante de si uma meza enorme semelhante a um juiz que quer condenar.

Senhora, disse ele: sabeis quem vos trouxe aqui?

— Não, respondi eu placidamente.

— Fui eu, continuou o gigante, com a sua voz de trovão. — Eu, que sou o homem que dispõe dos destinos desta floresta, que nada temo no mundo. Chamei vos aqui, para que me expliqueis a razão por que tentaes desvendar o impossivel!

Em resposta a esta interrogação soltei uma rizada de escarneo.

— Pois que? bradou ele exaltado, não temes o meu poder?

— Não, não temo, retorqui, por que sei que és incapaz de me molestar: as tuas ameaças pronunciadas nessa voz de terror, são tão inoffensivas como o *cri cri* do grilo que vive escondido e receoso.

Então o gigante foi-se fazendo pequenino e transformando-se, até que numa ultima metamorfose appareceu com uma pequena marraça, o olhar obliquo e o semblante apagado desaparecendo por fim sem deixar mais vestigios.

Completamente calma, procurei o meu carro a fim de regressar a casa. Mas, eis que dentre o arvoredo surge uma mulher que dava tais geitos ao corpo que parecia ter exercido ou exercer ainda a profissão de palhaço.

Fazendo uns esgares esquisitos, dirigiu-se ao meu encontro e disse: — Para que escarneceste o gigante? não sabes que ele é o senhor absoluto desta planicie.

Que tens com isso? bradei alucinada; trata da tua vida e deixa a minha; obdece ao gigante se assim o entendes, e não te preocupes com a minha pessoa.

A mulher, que naturalmente era secretaria particular do tal gigante, ficou caladinha que nem um rato.

Tornei a procurar o meu coupé, mas em vão; não desconhecia tinha-o levado.

Não podendo resistir á enorme fadiga que sentia e como caísse a noite, adormeci sobre um estrado de relva.

Quando despertei achei-me no meu pobre leito, olhei ao redor de mim e reconheci o meu modesto quarto. Aonde estava a planicie, o carrinho, o gigante e a sua secretaria particular? Tudo isto tinha sido pura visão.

Meditei então profundamente para ver se achava solução ao enigma do meu esquisito sonho; e cheguei á conclusão de que: a vista planicie as flores etc. representavam a vida de rosas que em vão ambiciono; o coupé era a illusão que tantas vezes me transporta para logares que não existem senão na minha imaginação; o gigante e a sua secretaria particular representavam as dificuldades com que ás vezes luto, mas que, consigo subjugar; e as aves brancas de neve, que fugiam quando eu pretendia apanha-las, representavam essa cubizada ventura que de balde tento alcançar.

Georgina Angela da Costa Murta

Lisboa 22 d'Abril de 1913.

Pobre trabalhador, compreendeste tudo então! Haviais sonhado. Um sonho dulcissimo que por momentos te concedera um bem-estar ficticio. E agora despertavas mais desgraçado que nunca. A buzina de caça do fidalgo da terra semelhará-se, ao principio, aos teus iludidos ouvidos, a charanga da festa da aldeia em que tencionavas gosar tanto com a tua pobre familia.

Infeliz! Procuras essa casinha bonita e rissonha que vistes em sonhos? Encontrarás apenas o negro pardiheiro onde os teus vão morrendo aos poucos.

Procuras a tua mulher formosa e ataviada? Resolves talvez comunicar-lhe o teu projecto de veranear? Encontra-la has preparando-se para a labutar incessante do dia, com as faces cavadas, o olhar amortecido e um todo de de crepita, porque a miseria converteu quasi numa velha essa mulher de quarenta anos, que fôra a mais bonita rapariga do logar.

Procuras a alegria no rosto de teus filhos? Olha-os. O mais velho continua tossindo, suocado, extenuado; e os outros mais raquiticos que de antes.

Infeliz trabalhador! A felicidade que viste em sonhos onde está? Durou tão pouco, e dei-

A nossa correspondencia

— Amaveis colegas do Funchal:

A nossa Redacção agradece muito penhorada o bom acolhimento que a vossa Escola deu ao nosso jornal. Mil felicidades e um abraço fraternal das vossas colegas obrigadas!

— Ex.^{mo} autor dos versos *Desillusão*:

Para publicarmos os seus versos precisavam de uma reforma tão radical, que até V. Ex.^a proprio os desconhecera.

Achamos mais conveniente que o colega se vá exercitando até produzir melhores trabalhos, que então publicaremos com o maximo gosto.

— Ex.^{mo} Sr. A. Matos:

Recebemos o vosso entusiastico convite á fundação dos centros pedagogicos e vamos fazer vos as necessarias observações para que ele possa ser publicado no nosso jornal.

Primeiramente precisa ser muito mais resumido porque as colunas do nosso jornal são pequenas e com três artigos d'aquella extensão ficavam cheias.

2.^o e importante quesito:

V. Ex.^a tem de remodelar inteiramente o seu artigo quanto á forma ou apresentação das vossas ideias.

Procure um estilo mais singelo, com imagens mais brandas e não leve os seus entusiasmos áquele delirio de apóstrofes e de visões sanguinárias, por vezes. Se desejeis que publiquemos o vosso *«apelo»* será necessario redigi-lo duma maneira totalmente diferente.

— Ex.^{ma} Sr.^a D. M. G. Sousa:

O vosso artigo sobre Educação Fisica, comquanto esteja muito aproveitavel, necessitava ser menos monótono para o leitor o ler gostosamente até ao fim.

Aqui deixamos feita a observação que provavelmente será ouvida e acatada...

Se o podesseis reduzir, tambem não seria mau, e dessa forma já repellerieis menos o vosso tema.

— Ex.^{ma} Sr. D. B. A. F.:

O vosso artigo sobre o *«professorado»* precisa de remodelação, e se vos a desejaes faser, com imenso gosto o publicaremos. Seria bom falar menos em *«patria»*, porque é assunto já

um bocadinho gasto e dar ao vosso estilo mais firmeza e mais rigor.

Não publicamos o vosso soneto por acharmos muito confuso o seu sentido. Esperamos com o decorrer do tempo composições mais cuidadas.

— Ex.^{ma} Sr.^a D. A. V. P.:

Não nos desagradou o vosso trechosinho de literatura sobre a *«Lua»*, mas desejavamos que o alindasse e lapidasse mais, sem o arrebicar.

— Ex.^{ma} Sr. Esoy. Semog.

O vosso *«epitáfio»* só tem de interessante a coincidência que apresenta, porque nem tem propriedade o titulo nem o verso está harmonico.

Treine-se a escrever ás belas e lembre-se mais tarde de escrever para o nosso jornal.

DIVERSAS

O numero anterior da *Educação Feminina* saiu com inumeras gralhas, que por vezes alteravam o sentido d'algumas frases, o que bastante nos pesou.

Fazendo todo o possivel para que o presente e seguintes numeros saiam mais correctos, rogamos de todos os nossos amaveis leitores um benevolente perdão para as culpas passadas...

— Recebenos nesta Redacção o numero 5 do interessante jornal — A. E. I. O. U.

E' um jornalsinho gracioso, que se apresenta rasoavelmente redigido e que promete ter desenvolvimento.

Aos seus redactores e dirigentes enviamos os nossos cumprimentos e sinceros desejos de que o seu jornal tenha largos progressos.

— *Errata*: E' importante a que saiu no artigo — *Um passeio instrutivo* e que lhe transforma consideravelmente o sentido. Em virtude da sua importancia não podemos deixar de fazer aqui a respectiva emenda.

— *Onde se lê*:

Existe tambem a acendalha com fosforo, cuja pasta é uma mistura de cromato, etc;

— *Deve ler-se*:

Existe tambem a acendalha sem fosforo, etc.

A POLICOMERCIAL

Bua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encommendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

xou em seu logar a miseria, mais dura que nos tempos idos.

Acaso cometeste algum crime para viveres essa vida atraz? Se trabalhas, se tornas a terra produtiva com o teu labor incessante, do nascer ao desaparecer do sol, porque não tens a liberdade de prover as tuas necessidades com o produto do teu trabalho? Acaso tem mais direitos esse fidalgo que passou ha pouco com o trem de caça? Contudo ele vive bem; tem poder, tem valimento.

Foi de desespero o primeiro impulso do Manuel. Com o rosto congestionado, os olhos injectados de sangue, fecha o punho e despede-o no espaço. Durante algum tempo arremete contra um inimigo imaginario. Por fim cai aniquilado e as lagrimas correm-lhe nas faces enquanto o filhito continua a tossir.

Se o fidalgo da terra tivesse observado aquele momento de revolta, teria rido de certo.

— Pateta! Pretendia comparar-se com ele! Era o que faltava!

Tinha fome? Paciencia! Resignasse-se com a sorte.

— Morriam-lhe os tilhos? Ainda melhor,

grande bruto. pois tu não tens pão para ti e lastimas a morte dos filhos?

E tu, pobre trabalhador, consentes isso? Vamos, arma-te de coragem; castiga o egoismo, castiga a ipocrisia dessa gente.

Escuta. — Ouves além um ruido confuso de vozes que se aproximam? Agora não é illusão dos teus ouvidos. — Não sabes o que é? — São os teus irmãos, os deserdados da sorte como tu, que se preparam para a luta. Esta tornou-se inevitavel. O pedestal sobre o qual os teus inimigos se ergueram, não tem razão que o aprove nem ha força que o conserve. Animo! Combate e muito em breve cantarás victoria!

— Sim. Em breve a deliciosa manhá que viste em sonhos surgirá emfim aos teus olhos, mas então mais formosa ainda porque toda a tua classe, a classe das vitimas sociaes, terá emfim sacudido o jugo a que vos tem sujeitoado essa horda que não póde passar sem vós, mas que tem correspondido aos vossos beneficios com a mais nefanda ingratidão.

Dagmar Ferreira

LIVROS DE ENSINO

DO

Professor ULYSSES MACHADO

Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmética para a 2.ª classe, 6.ª edição, 70 réis.
 Dois cadernos com 1706 problemas e exercicios d'aritmética, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
 Três cadernos com 2018 problemas e exercicios d'aritmética para as escolas normais, liceus, etc., 1.ª, 2.ª e 3.ª anos, cada um, 180 réis.
 O autor oferece gratuitamente a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lh'os peçam.
 Gramática ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, ilustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as inteligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
 Gramática Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e distritaes, um volume encadernado em percalina, 15000 réis.
 Gramática Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus; um volume encadernado em percalina, 450 réis.
 Gramática Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
 Aritmética pratica e geometria, ilustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
 Segundo livro de leitura, ilustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes (exame do 1.º grau), cartonado 400 rs.
 Terceiro livro de leitura profusamente ilustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton. 400 rs.
 Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente ilustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
 Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
 A venda nas principaes livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—LIVRARIA RODRIGUES & C., Rua do Ouro, 186 e 188.
 Aos srs. professores descont. s de 10 p. c. e porte franco.

Obras para o ensino primario

— POR —

AUGUSTO LUIZ ZILHÃO

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal Feminina de Lisboa

Caderno de exercicios de aritmética para a 1.ª classe	50 réis	Caderno de problemas e exercicio de aritmética para 3.ª e 4.ª classe	100 réis
Caderno de problemas e exercicios de aritmética para 3.ª e 4.ª classe	80 " "	Noções elementares de aritmética e geometria (oficialmente aprovados)	250 "

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário.

A venda nas principaes livrarias

Descontos excepcionaes e porte franco aos professores e directores de colegios

O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor

Rua das Gaivotas, 8

"TERRA LIVRE,"

Semanario anarquista
 (PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS)



Órgão de luta social e economica, de opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notaveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

Ciencia * Sociologia
 Arte * Educação
 * Literatura *
 * Critica *

A VENDA NA RUA,
 NOS QUIOSQUES
 E TABACARIAS

AGENTES
 EM TODO
 O PAÍS

PREÇO
 1 mez. 100 réis
 3 mezes 300
 6 " 500
 12 " 1000
 Numero avulso 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Rua das Gaveas 55, 1.º
 LISBOA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

DE
M. CORRÊA DOS SANTOS

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA
 TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
 Especialidade em impressos para o comercio
 Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de eserituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.
 BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)
 VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA
 (PRIMEIRO QUARTERÃO VINDO DO T. DO PAÇO)
 TELEFONE 3350

"Educação feminina,"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes 200 rs.
 Por 6 mezes 400 rs.

(Pagamento adelantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redacção e Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

Ex.ª Sra.ª *Biblioteca Nacional de Lisboa*